

LIÇÃO DA MATÉRIA

DANIEL ARELLI



“Difícil determinar / de que estranha matéria é feito este poema.” Assim escreve Daniel Arelli num dos poemas deste livro. De fato, são estranhas ao universo mais comum da grande maioria do que se produz em poesia as matérias dos versos que aqui se apresentam. Não são textos centrados na primeira pessoa. Não tentam aproximar o leitor de um sentimento verdadeiro ou inventado. Não são poemas carregados de rimas ou aparentes recursos sonoros. Não pesam nas imagens, nas metáforas. Estão mais para o diálogo com as ideias — sejam essas ideias estéticas, poéticas, filosóficas, históricas ou, até mesmo, científicas. Em vários poemas, Daniel trabalha como um pesquisador. Colhe uma amostra, examina-a e faz um parecer, criativo, sobre ela. Surge então essa estranha voz que se faz do choque da postura da observação analítica com a explosão criativa. Uma explosão curta, atômica, de poucas e bem escolhidas palavras. Explora, para obter esse efeito, diversas formas: poemas com versos de uma palavra, com versos mais longos, com pontuação ou sem, ou seja, cada texto encontrando a sua forma adequada. Ou, como ele mesmo escreve: “Não tente encaixar o poema / na forma / deixe que ela escreva o poema / observe-a de longe como a uma respeitável desconhecida / ocupada com algum afazer exótico / e ancestral”. A consciência da forma e, ao mesmo tempo, do limite a que a consciência pode chegar, quando a forma escapa ao poeta, traz uma inteligente abertura estética para *Lição da matéria*. Essa, inclusive, parece ser uma de suas lições. Em

outro poema, temos mais uma chave que o poeta, agora também como poeta-crítico e leitor, nos passa da sua autoconsciência: “às vezes sequer é preciso ler o poema / pelo corte do verso sabemos se é bom”. O corte no espaço vai ditando o ritmo visual e a partitura da voz do poeta. Com esse princípio, cabe nos seus textos tudo e mais um pouco. Basta fazer, e Daniel faz, o corte certo. Poesia culta, que é intertexto com a poesia de um conjunto de poetas, sem esconder as referências, mas, ao contrário, nomeando-as e propondo uma interlocução. Poesia madura, mas não a maturidade como descanso, e sim como capacidade de realizar com segurança um texto inquieto e desestabilizador.

Ricardo Silvestrin

MAURO FIGA



Daniel Arelli nasceu em Belo Horizonte, em 1986. É doutor em Filosofia pela Universidade de Munique, com uma tese sobre o conceito de materialismo. Atualmente, é pesquisador de pós-doutorado da Universidade Federal de Minas Gerais. *Lição da matéria* é seu primeiro livro de poemas.

LIÇÃO DA MATÉRIA

DANIEL ARELLI

CIDA BORGHETTI
GOVERNADORA DO ESTADO DO PARANÁ

JOÃO LUIZ FIANI
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

JADER ALVES
DIRETOR GERAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ROGÉRIO PEREIRA
DIRETOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

COORDENADOR DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2018
OMAR GODOY

NÚCLEO DE EDIÇÕES DA SEEC
LUIZ REBINSKI
MARCIO RENATO DOS SANTOS
OMAR GODOY

COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2018

PRÊMIO HELENA KOLODY | POESIA
MARÍLIA GARCIA
RICARDO SILVESTRIN
WILBERTH SALGUEIRO

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS
CHRISTIAN SCHWARTZ

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
ANDRÉ DUCCI

PROJETO GRÁFICO E DESIGN
THAPCOM.COM

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

Arelli, Daniel, 1986-
Lição da matéria / Daniel Arelli - Curitiba, PR :
Biblioteca Pública do Paraná, 2018.
80 p. ; 21 x 14 cm. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2018 – Prêmio
Helena Kolody – Categoria poesia”
ISBN: 978-85-66382-35-8

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)
B869.1

LIÇÃO DA MATÉRIA

DANIEL ARELLI

Biblioteca
Paraná 

Tudo é menos do que é.

Tudo é mais.

Paul Celan

SUMÁRIO

ABISMO DE IMAGENS

ACÁCIAS, **10**

DESENTRANHADO DA BIOGRAFIA
DE UM FILÓSOFO, **11**

DIANTE DOS RETRATOS DE ALAIN LABOILE, **12**

UMA FOTOGRAFIA DE ADÍLIA, **13**

OCIDENTE, **14**

ESBOÇO DE TEOLOGIA MORAL, **15**

A AMAZÔNIA DE VILLA-LOBOS, **16**

CULTURA, **17**

FÁBULA DE KAZUO OHNO, **18**

EPPUR SI MUOVE

OUTROS NOMES DA NATUREZA, **20**

O RINOCERONTE, **21**

HISTÓRIA NATURAL DOS POLVOS, **22**

A VIDA DE GALILEU, **24**

ONTOLOGIA SUMARÍSSIMA REVISITADA, **25**

OUTRA HISTÓRIA NATURAL, **26**

LIÇÃO DA MATÉRIA

HIC RHODUS HIC SALTA, **28**

ARRANCAR A MANHÃ, **30**

O PUNHAL DE FERRO DE TUTANCÂMÓN, **32**

LER O LIVRO DO MUNDO, **33**

OFICINA ABSTRATA

UMA FRASE DE NOVALIS, **36**

EPISTEMOLOGIA DA COMPOSIÇÃO, **37**

FENOMENOLOGIA DA COMPOSIÇÃO, **38**

ONTOLOGIA DA COMPOSIÇÃO, **39**

DE QUE SERVIRÁ UM LIVRO, **40**

TEORIA DO RASCUNHO, **41**

A ARTE DA EDIÇÃO, **47**

UM RETRATO QUE NÃO FOSSE AUTORRETRATO

DEVANEIO EM OURO PRETO, **50**

A ESCULTURA DE DAVID ČERNÝ EM PRAGA, **55**

SHELLING-SALON, **56**

DOIS VERÕES, **58**

RUE DU MARÉCHAL JOFFRE, TOULOUSE, **60**

BERLIM ALÉM DA NOITE, **61**

SOU UM OUTRO E SEU REVERSO

ALGUÉM VATICINOU, **70**

TESEU, **71**

ARROUBO CONTRA A EXPERIÊNCIA, **72**

COMO É BOM TER UM CORPO, **74**

TAMBA-TAJÁ, **75**

CAMERA OBSCURA, **76**

ABISMO DE IMAGENS

ACÁCIAS

Numa viagem de ônibus
longuíssima
através do dia
e da noite
li pela primeira vez o poema de Parra
sobre as acácias.

Deve ter sido aí que me dei conta
de que sempre projetamos
o que se passa dentro
sobre o que está fora
incuravelmente
como uma espécie de alergia crônica
os erros da geração passada
um mito.

Desde então
sempre que viajo de ônibus
me lembro de Parra
e de seu poema
apoio o rosto no vidro da janela
e tento acompanhar
a paisagem
nua.

DESETRANHADO DA BIOGRAFIA DE UM FILÓSOFO

Qualquer pessoa que conhecesse algo sobre Max Horkheimer
saberia
que ele era capaz de uivar como um cão.

De acordo com testemunhas
ele podia demonstrar esse desconcertante talento
tanto nas ruas de Manhattan
como na Estação Central de Frankfurt.

De acordo com testemunhas
o filósofo teria ensinado a uivar seu próprio cão.

DIANTE DOS RETRATOS DE ALAIN LABOILE

se observada
sob esse ângulo
com essa luz oblíqua
esse recorte
exato
é possível que esta
perigosíssima
e sabidamente
traíçoeira
espécie animal
até pareça
inofensiva
ou mesmo
graciosa

mas cuidado
isso é parte
do seu jogo
parte
das suas
artimanhas

UMA FOTOGRAFIA DE ADÍLIA

Para alguns (os refinados) basta que tenham Paris
A mim me basta lembrar de uma fotografia de Adília
sorrindo
de olhos fechados
à frente de uma mesa repleta de quinquilharias
e saber que Adília está em algum lugar
que essa fotografia existe

OCIDENTE

Arqueólogos descobriram na Grécia
uma placa de argila com a inscrição
do que parecem ser treze versos
do Canto XIV da Odisseia.
É o registro mais antigo da epopeia.
Ainda não decifraram inteiramente a inscrição
mas estão todos aflitos
sabem que uma pequena variação
no sentido dos versos
como um dativo no lugar de um genitivo
um verbo em aoristo
terá consequências incalculáveis
para a civilização:
de repente o Ocidente será outro
de repente o Ocidente terá sido sempre outro.

ESBOÇO DE TEOLOGIA MORAL

Aristóteles escreveu que o supremamente bom só pode (e deve) pensar a si mesmo ou não seria supremamente bom.

Um dia, Dorival Caymmi
colocou uma cadeira de balanço
em frente a um ventilador
num quarto vazio
de sua casa em Salvador
e sentou-se (disse) para pensar
apenas coisas boas.

A AMAZÔNIA DE VILLA-LOBOS

a fermata era um igarapé
em que nadávamos
nus
o coda a pegada
do iauaretê
as içás em staccato
marcavam também o nosso
passo
os uirás em todas as claves
em tempo largo
a mesma tapera na volta
um bequadro
sob teu rubato
a floresta
viva
da capo

CULTURA

variações sobre Brecht

Um castelo
de cocô de cachorro
Um hinário
de invasões de território
Um arquivo
de documentos rasurados
Uma coleção
de relíquias saqueadas
Uma tradição
de traduções equivocadas

FÁBULA DE KAZUO OHNO

a partir de João Cabral

Construir o aberto
não tanto casa
de só portas e teto
mas aberto que se faz
desde o centro:

casa que é
sobretudo acesso
espaço que se
habita como
gesto.

EPPUR SI MUOVE

OUTROS NOMES DA NATUREZA

O que é
fechado à mente
o fundo comum
a tudo
o todo
causa de si
princípio da própria
reprodução
o inteiramente outro
anteparo amorfo
do trabalho
e da forma
metabolismo
evolução
o que de mais íntimo
se rememora
em ti
contra ti
irrompe
pura exterioridade
o que ama
esconder-se

O RINOCERONTE

a partir de Theodor W. Adorno

Quando enfim matarmos o último rinoceronte
dizem
não será apenas o rinoceronte a extinguir-se
não haverá tampouco uma certa espécie de moscas
que só se alimentam dos detritos do rinoceronte
e milhares de ecossistemas
que dependem daquele grande ecossistema
que é o rinoceronte
perderemos um elo vivo essencial
para a nossa compreensão dos dinossauros
não poderemos mais, como Marco Polo,
confundi-lo com um unicórnio
não teremos mais uma imagem tão precisa do medo
petrificado em armadura
etc.

Acho que estão todos certos
só não se esqueçam de dizer
que não haverá mais
a forma do rinoceronte
esta forma exata e insubstituível
que parece dizer:
eu sou um rinoceronte.

HISTÓRIA NATURAL DOS POLVOS

“seu cérebro enorme
genoma muito mais complexo do que o humano
sistema nervoso altamente sofisticado
corpos camuflados
eis apenas alguns traços dos polvos
que parecem ter surgido do nada
há 270 milhões de anos
na cena evolutiva terrestre”
“suas transformações genéticas não são localizáveis
em nenhuma forma de vida preexistente
eles parecem vir do futuro ou
mais realisticamente
da amplidão do cosmos”

em matéria de polvos
abandone as explicações ponderadas
as hipóteses plausíveis
a segurança do método
tente fazer sentido
da ideia de que o polvo
é um bicho ex nihilo
um animal ex machina
tente fazer sentido
da ideia de vida
como intrusão ou acaso
da irrupção
incalculável
do futuro
ou quem sabe de uma explosão
a partir do nada

A VIDA DE GALILEU

sem ironias
nem duplos sentidos
nenhuma metonímia
muito menos metáfora
semântica não
o mínimo de sentido
sem interioridade
ou abismo
ler a natureza
glacialmente
como fórmula matemática

ONTOLOGIA SUMARÍSSIMA REVISITADA

Não apenas a contingência do ainda-não,
do talvez e do quase. (Embora talvez
seja preciso dizer sempre talvez.)
Não só a do perecível e precário —

Sobretudo a contingência do estável.
A contingência não apenas do valor
como do fato. Não tanto do caso
quanto da lei. Não apenas do acaso —

Sobretudo a do aparentemente necessário.
A contingência da natureza, afinal.
(O que quer dizer que nem a natureza é exatamente
natural.) Veja: talvez seja isso o real.

OUTRA HISTÓRIA NATURAL

via Drummond

Társios praticam morte voluntária.

Mamíferos superiores embriagam-se regularmente.

Pandas procuram a extinção da espécie.

Amplas camadas de vida oceânica fogem da luz.

Moscas e humanos são geneticamente semelhantes.

Nossa história também é natural.

LIÇÃO DA MATÉRIA

HIC RHODUS HIC SALTA

1.

Desata a rosa
no amplo
limite
do espaço

Distende o espaço
no pulso
suspensão
do tempo

Dispõe o tempo
no salto
mortale
do verbo

2.

Conflui o verbo
no ponto
contínuo
do tempo

Concentra o tempo
na linha
aberta
do espaço

Condensa o espaço
na corola
íntima
da rosa

ARRANCAR A MANHÃ

O esplendor da manhã não se abre com faca.

Manuel de Barros

Will there really be a morning?

Is there such a thing as day?

Emily Dickinson

Se
ja-
mais
houver
manhã

Uma
única
singular-
íssima
manhã

Ela será ar-
rancada
à unha
a dente
à faca

Aurora
tecida
a grito
e à rinha
de galo

Crisálida
cuja seda
só se
abre
a rasgo

Ave
tão frágil
para rachar
sozinha
o ovo

O PUNHAL DE FERRO DE TUTANCÂMÓN

Quando enfim confirmaram
que o punhal de ferro de Tutancâmon
embalsamado junto a seu peito
em posição de evidente destaque
foi forjado com ferro de um meteorito
arqueólogos
antropólogos
filósofos
não hesitaram em afirmar que os egípcios
cosmicamente desamparados
como todos os povos
procuram a transcendência topograficamente
nos céus
e portanto viam no meteorito
uma divindade
a própria transcendência
ou algo do tipo.

Sinto-me estranhamente confortável
com a transcendência dos egípcios
feita de ferro
11% níquel
com traços de cobalto
ideal para ser derretida
na forja das armas.

LER O LIVRO DO MUNDO

para cada coisa
uma cadeia de relações
as coisas mais suas relações no tempo
eventos
todas as relações
todos os eventos
em um emaranhado
um mundo possível

para cada coisa
um nome
uma coisa mais suas relações no tempo
uma série de frases
para cada evento
um capítulo
todas as frases
todos os capítulos
em um emaranhado
um livro possível

— um vento-sul passa-lhe as páginas
de repente percebo
todo livro é aberto

OFICINA ABSTRATA

UMA FRASE DE NOVALIS

O verdadeiro leitor deve ser o autor ampliado.

Novalis

antever em toda matéria
o inconclusivo da forma
e preencher toda lacuna
com sua exata carnadura

realizar com todo texto
uma paradoxal operação
para que toda leitura
seja também sua criação

EPISTEMOLOGIA DA COMPOSIÇÃO

Em um caderno de notas
postumamente publicado
com o título *Cultura e valor*
(Edições 70, 1980, p. 34)
escreveu Wittgenstein:

“Penso de fato com a minha caneta,
pois frequentemente a minha cabeça
não sabe nada
sobre o que minha mão
está escrevendo”.

FENOMENOLOGIA DA COMPOSIÇÃO

Ouvidas de longe, é difícil distinguir
se as vozes na janela são conversa ou canção.
Tampouco é fácil compreendê-las se
ouvidas de perto demais, ou de um jeito diferente,

com muito mais ou com muito menos atenção.
Como mal se pode afirmar se o ruído
que traz a brisa é eco ou assovio.
Só sei que ouvi um som tão aéreo

que parece parte de outro som.
Juntos eles talvez não formem uma melodia,
mas bem uma espécie de prisma,

ou de gradação... Tento reproduzi-lo ao violão
e algo me lança ao papel. Difícil determinar
de que estranha matéria é feito este poema.

ONTOLOGIA DA COMPOSIÇÃO

anoto ideias para o poema
coleciono palavras aleatórias para o poema
ensaio formas indecisas para o poema
abandono o poema vou escrevendo outros poemas
ao lado do poema de repente parece que estou escrevendo
um livro em volta do poema um livro
como uma moldura cuja tela é o poema um livro
como um veículo cujo motor é o poema quando menos percebo
escrevi um livro a partir do poema olhando bem parece que o livro
foi se fazendo desde o poema melhor dizendo é como se
o livro tivesse se escrito a si mesmo a partir do poema
volto ao poema e de repente percebo que ele me acena
tenho a impressão de que algo no poema ainda pulsa ou melhor
estou certo de que ele está ativo como uma máquina ativa
vivo como um felino que ora me rejeita ora me solicita
quando dou por mim parece que o poema
como que me permitiu
escrevê-lo

DE QUE SERVIRÁ UM LIVRO

se
ao tomá-
lo
& torcê-
lo
qual pano
de chão en-
cardido
& imun-
do
não lhe
ex-
traír-
mos
ao menos
uma go-
ta de bi-
le
negra
melan-
colia
?

TEORIA DO RASCUNHO

1.

A poesia é basicamente uma moenda

o que passar
se passar
torna-se poema

2.

A poesia sobreviverá

nas mensagens instantâneas
nos erros do corretor automático
no autocompletar das buscas
até mesmo nas caixas de comentários

desde que nunca a chamemos pelo nome
desde que nunca a escrevamos

3.

A antipoesia, se triunfasse, triunfaria

mas isso seria demasiadamente épico
a antipoesia sequer conhece vitórias
a antipoesia neutraliza seus adversários
lançando-os numa câmara de gelo

4.

Elogio da forma fixa

Não tente encaixar o poema
na forma
deixe que ela escreva o poema
observe-a de longe como a uma respeitável desconhecida
ocupada com algum afazer exótico
e ancestral

5.

Nesta alquímica manhã de verão

em que o ruído de uma britadeira
parece compor o cenário ideal
para um poema ou uma revolução
pego régua, esquadro e compasso
uma folha de papel almaço
e olho atentamente para os lados
tenho um plano — o que pode dar errado?

6.

Um bom poema

se reconhece pelo corte do verso
às vezes sequer é preciso ler o poema
pelo corte do verso sabemos se é bom
como ele corta ora uma sentença ora uma palavra
como ele ao mesmo tempo corta
e é aquele corte
o poeta está portanto mais próximo
do alfaiate
e do açougueiro
do que do filósofo

A ARTE DA EDIÇÃO

vamos fazer um livro claro
como um deserto noturno
um livro limpo
como um instinto animal
imagine um livro
sem artifício
um livro simples
que desapareça sob os poemas
expelidos como pétalas
de uma flor estranha e bissexta
como se tivessem sido sempre
parte do mundo

**UM RETRATO QUE
NÃO FOSSE
AUTORRETRATO**

DEVANEIO EM OURO PRETO

1.

Pilar

Desperto solitário nos degraus da escadaria.
Pombos disputam farelos de ouro.
A fuligem das telhas não se deixa limpar.
Creio avistar ao longe uma mulher em negro.
Entreouço na lama o murmúrio do rio.

2.

Balada sobre a Ponte de Antonio Dias

importa pouco o que se fez
eram noites brancas
sobre a Ponte de Antonio Dias
tu apontavas as torres
os picos as casas as pedras
da inteira cercania
contavam pouco os nomes das coisas
eram noites brancas
sobre a Ponte de Antonio Dias

3.

Hotel Toffolo revisitado

Adentra o salão da modesta hospedaria
que resiste, tímida, à máquina da nova cidade
pulsando arfante no coração da velha.
Dispõe a mesa contra a parede,
uma mesa sólida contra a parede intransponível,
e senta-te só, com o pouco silêncio possível.

Este pão com que ora te sacias,
toma-o como o pão primeiro
do qual partem todas as fomes
e ao qual todas retornam, apaziguadas.
(“Cuidai primeiro do que comer e vestir
que o Reino dos Céus virá por si”.)
Esta palavra que tu ora calas,
concebe-a como a última fortaleza
contra a loquacidade do presente.

4.

Bauxita

Bauxita, engano antigo
nem todo elemento extrai-se
puro dos veios da serra

Bauxita, oblíquo labirinto
quanto mais perto do céu
mais perto também da pedra

5.

Rua Alvarenga

Percorremos a rua Alvarenga
do Rosário às Cabeças
pernas e pés exaustos
uma única luz dormia acesa
na noite imensa
Na farmácia do Sr. Garcia
não há remédios, há rezas
para pernas e pés exaustos
percorrerem a rua Alvarenga
do Rosário às Cabeças
Ninguém viu de onde veio a procissão
uma única luz dormia acesa
na noite imensa

A ESCULTURA DE DAVID ČERNÝ EM PRAGA

ready-mades

dois homens mijam no mapa da nova república

pintaram de rosa-choque o velho tanque soviético

bebês gigantes engatinham pela antena de rádio

o velho trabant ainda funciona sobre quatro patas

são venceslau monta a pança de um pangaré

a cabeça de kafka se move junto ao moldava

SCHELLING-SALON

para Age de Carvalho

Penetra
na ante-
cidade
(que leva
o nome
do mestre)
como
em uma
ante-
câmara;

nestas
largas
quadra-
turas
como em
alti-
planos
(de onde
se ergue
o pico);
— aqui, tu sabes:
calam-se os homens que jogam
ainda à espera do acaso
exato
à espera do lance
passado.

DOIS VERÕES

1.

Duna de Cresmina

para fazer um poema sobre Cresmina
bastaria escrever seu nome explorar
as reminiscências com nomes gregos
(como com Taormina, de que se conta
teria sido arrasada pelo tirano Dioniso
restando apenas o antigo anfiteatro
de onde se pode ver
imperioso
o Etna)
enumerar algumas espécies de plantas nativas
(como a raiz-divina e a sabina-das-praias)
estabelecer relações suficientemente difusas entre tudo
e nós mesmos
etc.

mas direi apenas que
tão logo chegamos a Cresmina, vindos de Lisboa
descobrimos que havia ali um centro de pesquisas
onde se pratica
o que chamaram
despretensiosamente
Interpretação da Duna

2.

Alter do Chão

nos primeiros dias da estação de cheias
às margens do Tapajós
(você à frente indiscernível entre os juncos)
avistei uma velha bajara
inteiramente submersa
rente ao espelho d'água
afora apenas uma parte da proa
com a inscrição:
a l t e r

essa imagem não me saiu da cabeça
por toda a viagem
que tempos são esses
em que parece impossível não ver
num pequeno naufrágio
uma espécie de metáfora
de sinédoque
ou até mesmo uma alegoria
de si próprio

RUE DU MARÉCHAL JOFFRE, TOULOUSE

a partir de um ou dois versos de Hans Magnus Enzensberger

uma casa simples
em um bairro proletário
quartos amplos
quase sem móveis
um pequeno jardim
sem flores
bicicletas velhas
mas perfeitamente funcionais
um copo de água fresca
sobre a mesa de pedra
leituras conjuntas
antes e depois do sexo
as únicas palavras
que trocávamos

BERLIM ALÉM DA NOITE

1.

Turmstraße

O relógio da torre
coberta
em obras
ainda marca as horas
exatas

2.

Plötzensee

No pequeno lago de nossos dias de verão
aprendemos a nudez
descobrimos que o corpo livre
é uma forma de cultura
que a cultura deve ser
a imagem de um corpo
livre

3.

Heidestraße

sobre Berlim

o céu

sob Berlim

a bomba

4.

Paul-Linke-Ufer

um cão enorme e sonolento cruza o campo
onde os aposentados jogam bocha
eles riem e o aguardam pacientemente
enquanto enrolam cigarros
“Paul-Linke was an opera composer from Berlin”,
diz uma senhora com sotaque carregado
a um par de turistas
pai e filho carregam um velho sofá à la Biedermeier
e o abandonam do outro lado da rua
mendigos juntam garrafas retornáveis
nos característicos sacos azuis da Ikea
ouve-se num crescendo a música insistente dos adolescentes
que descem o canal em uma balsa inflável
uma terça-feira qualquer em Kreuzberg

5.

Westhafen

eu avistava a torre de tevê
ela, com os olhos faiscando
falava de festas e drogas
de seu novo emprego de florista
e de como tinha tentado se matar
à nossa frente, as gruas do porto
descarregavam um imenso cargueiro
perto dali, no departamento de estrangeiros
um homem provavelmente
implorava
para ficar

6.

Landwehrkannal

esta cidade nunca foi minha
salvo talvez naquele fim de semana de outubro
em que você apareceu
e nos sentamos à beira do canal
era o dia da unidade alemã
você rasgou a cidade em duas
mas o que passou a dividi-la
não era
um muro

7.

Mierendorffplatz

naquele inverno inclemente
nas paredes de uma bela casa
em Charlottenburg
que sobreviveu ileso aos bombardeios
escrevi uma frase de Heine
modificando-a
até transformá-la
em profecia autorrealizável:
“às vezes digo a esta cidade:
não me dê tanto
porque sei que vais me tirar mais”

**SOU UM OUTRO
E SEU REVERSO**

ALGUÉM VATICINOU

que o nome próprio é uma maldição perene
como se não bastasse nascer
somos forçados ainda a carregar
os nomes que nos impingem
como um carimbo um ferrete uma etiqueta
a história de promessa e frustração
que representam.

Senão vejamos:

Daniel foi um profeta judeu
capturado pelos babilônios
para servir na guerra contra os persas.
Não raro tinha visões apocalípticas
que transcrevia em versos.
(Sofria também de azia.)
Quando descobriram que era um completo farsante
Daniel foi lançado ao mar
e devorado por um cachalote.

TESEU

a partir de Ana Martins Marques

Derrotar o Minotauro
corpo de homem cabeça de touro
é de fato uma admirável proeza
mas experimente substituir
parte por parte
de um navio em alto mar
proa convés casco remos
e continuar a bordo
do mesmo navio

Para um velho centauro
pode ser possível
que sua parte humana
sobreviva à animal
mas experimente abandonar
pelo caminho
o que te é mais próprio
tua língua teu nome tua memória
e continuar a ser
si mesmo

ARROUBO CONTRA A EXPERIÊNCIA

“A experiência é a verdadeira autoridade.”

Mas autoridade de quê,
monsieur Georges Bataille,
se a experiência atualmente
é quase sempre a mesma miséria?

Se isso ainda for possível,
peça a qualquer um para lhe
contar uma história: via de regra,
é tudo a mesma coisa (como
todo sentido é, no fundo, igual).

Me apresente uma única
experiência lá fora
que não seja a eterna repetição
daquele tedioso e tautológico
encontro consigo mesmo;

uma única experiência
que não me devolva
este mesmíssimo mundo
em cada vez mais estrambólicas
embalagens de sentido.

Estou farto de experiências
estéticas políticas filosóficas
saturado de curas e redenções
feitas sob medida para cada um:
o que eu quero ainda não existe.

COMO É BOM TER UM CORPO

foi o que pensei
ao estalar os dedos dos pés
com os dedos das mãos
finalmente aprender a boiar
trepar em uma ameixeira
não fazer nada apenas o que faz um bicho
("rien faire comme une bête")
etc.
como é bom ter um corpo
pensei

mas não: não tenho um corpo
este corpo é que me tem a mim
este corpo sou eu

TAMBA-TAJÁ

via Maria Martins

Meu ventre

Suxo

Teu corpo

Laço

Meu caule

Óbito

Teu tronco

Aço

Minha dupla

Vulva

Teu triplo

Lastro

CAMERA OBSCURA

1.

Recuas do espaço da luz e da sombra.
Minha palavra te alcança e imobiliza
por um átimo. Vejo-te.

2.

Não sigas o meu rastro, não
a minha palavra, não
a tua memória. Ignora
o meu nome, abandona:
quem eu fui.

3.

Não vês o horizonte de onde
te veem. (Não vês horizonte algum.)
Não vês o exato ponto
de onde te tornas visível.

4.

Dentre todas as formas de aparecer,
apenas uma é a tua.
Dentre todas as formas de ser,
apenas uma te cabe.

5.

Escapar da mirada que vê um rosto em cada coisa.
Escapar da mirada que vê o próprio rosto em cada coisa.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO MERRIWEATHER E IMPRESSO
EM NOVEMBRO DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.



VENCEDOR NA
CATEGORIA
POESIA

Criado pela Secretaria da Cultura do Paraná, por meio da Biblioteca Pública do Estado, o Prêmio Paraná de Literatura surgiu com o objetivo de valorizar a produção literária brasileira e criar mais um espaço para a discussão e divulgação de livros. Em sua quinta edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Conto (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Mais de 1,8 mil trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que escolheu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública e distribuídos para as principais bibliotecas do País.



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



GOVERNO DO ESTADO

978-85-66382-35-8



9

788566

382358